



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

18006 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais -N

Ser Professora Negra: tecendo Fios de Resistência

Camila Ferreira da Silva - UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

**SER PROFESSORA NEGRA: TECENDO FIOS DE RESISTÊNCIA**

---

## 1 INTRODUÇÃO

Nesse texto, voltamos o nosso olhar para a autoidentificação de Professoras Negras e sua influência no desenvolvimento de práticas antirracistas. Nesse caso, os marcadores de Raça-Gênero são atravessados pela Identidade Profissional Docente; isto é, a identificação de Professora Negra é o resultado da intersecção da Identidade Profissional Docente e da Identificação de Mulher Negra. Essa conjuntura evidencia o caráter subjetivo e singular do exercício da docência. Isto, porque o exercício da docência já é atravessado por distintos fatores, tais como: o contexto sociocultural, as experiências pessoais/profissionais, a formação inicial/continuada, o currículo, os valores éticos/morais e aqui, acrescentamos o pertencimento étnico-racial.

Essa Intersecção nos permite compreender que os entrecruzamentos socioculturais vivenciados no espaço e no tempo pelas docentes vai tecendo identificações, noções de pertencimento a determinados lugares, pessoas, grupos, movimentos sociais, etc. O sujeito constrói o que Hall (2002) chama de sentido de si e o que Santos (2005) se refere à consciência de si como individualidade.

Portanto, o *eu* evoca a consciência de si como singularidade em relação aos demais indivíduos, mas o *eu* se entende indivíduo, também, na relação estabelecida com a exterioridade. Por isso, não é possível falar de uma perspectiva de identidade una, indivisível ou estática, mas de Identificações que são ressignificadas nas relações que o sujeito experiencia com o mundo.

Nessa direção, entendemos que ser Professora Negra é tecer fios de resistência, sobretudo, por que o exercício da docência se desenvolve no contexto educacional, berço por excelência da branquidade de um território epistêmico produto e produtor do Racismo institucional e, por tal a Discriminação Racial perfaz esse espaço. Logo, ser Professora Negra, como afirma Akotire (2019), é amolar as nossas facas, cotidianamente, porque o Racismo não cessa, ele é contínuo, constante e cruel.

À vista disso, essa pesquisa se vale da Abordagem Teórico-Methodológica do Feminismo Negro que tece movimentos de resistência propositiva com a exterioridade colonial e em especial com a Memória e o Corpo Feminino Negro. Isto é, de vozes que foram silenciadas e de Corpos-Territórios que pela lógica colonial nunca foram benquistos. Isto porque, o padrão de poder, predominantemente eurocêntrico, fundamenta e organiza os modos de vida das sociedades, configurando-se como um meio estratégico de controle de formas particulares de se compreender e dizer o que é mundo e como cada indivíduo pode se mover no jogo das relações sociais.

No que concerne ao campo de pesquisa, optamos por escolas situadas no TC por entendemos que as comunidades periféricas foram um dos espaços menos contaminados/controlados pelo poder de regulação da sociedade e do Estado. Por tal, partimos do pressuposto que neste local, seja possível identificar formas outras de produzir/ensinar mais próximos da exterioridade colonial.

Ademais, destacamos que para a seleção do município consideramos os seguintes critérios: a) possuir representativo número de residentes no TC; b) ter representativo número de escolas situadas no TC; c) dispor de um sistema de ensino, o que pressupõe a presença regulamentada e instituída de educação do campo. Diante dos critérios estabelecidos, no agreste pernambucano, Caruaru atendia os critérios.

Para seleção das Colaboradoras, nos dirigimos a secretária de educação do município para indicação de Professoras Negras que lecionassem no TC e se destacassem no desenvolvimento de ações antirracistas. A secretária, sinalizou 06 professoras, em 04 escolas, situadas no TC. De posse dos dados fornecidos, entramos em contato com as mesmas, enviamos questionário de identificação, a fim elegermos a que melhor atendia aos objetivos.

Para tanto, neste trabalho, realizamos mais uma seleção, professoras do TC que estiverem no exercício da docência há mais de 10 anos, definimos enquanto critério o marcador temporal, pois compreendemos que nos possibilitaria um maior arcabouço de experiências advindo das Colaboradoras. À vista disso, tivemos enquanto Colaboradoras 02 professoras: Arroz e Agricultura (pseudônimo para

preservar a identificação; bem como os nomes adotados foi escolhido pelas mesmas). A Professora Arroz, Mulher Negra, 44 anos, pedagoga, mestra em educação. Reside e leciona no TC, exerce à docência há 22 anos. A Professora Agricultura, Mulher Negra, 34 anos, pedagoga, pós-graduada. Reside e leciona no TC, exerce à docência há 11 anos. Ambas lecionam na mesma escola, localizada a 36 km da sede do município.

No que concerne a organização e tratamento dos dados utilizamos a análise de conteúdo, via análise temática (Bardin, 2011), que acontece em três fases: a) pré-análise, ocorreu a escolha das fontes de pesquisa (Colaboradoras), delineando a nossa aproximação com o campo empírico e teórico, constituindo assim um *corpus*, ou seja, um conjunto de documentos a serem analisados; b) a exploração do material consistiu na construção de dados suscetíveis de análise, obtidos via questionário e entrevista semiestruturada; c) tratamento dos resultados, inferência e interpretação que foram realizados com base na Abordagem Teórico-metodológica e categorias aqui adotadas.

A título de organização, este trabalho subdivide-se em duas partes principais, além da introdução e conclusões. A primeira parte, versa a respeito da Abordagem a qual nos filiamos, Feminismo Negro. A segunda, analisa as influências que a autoidentificação das Colaboradoras tem no desenvolver de práticas antirracistas.

## **2 FEMINISMO NEGRO: NOSSOS PASSOS VEM DE LONGE**

Nesta seção, discorreremos sobre o Feminismo Negro, evidenciando as rupturas e as construções político-epistemológicas realizadas por meio dos movimentos de resistência propositiva da Mulher Negra frente à Memória Hegemônica. Assim como, dentre esses movimentos de resistência, a afirmação da Identidade de Mulher Negra enquanto um elo de resgate não só da Memória Viva, mas de enraizamentos que desembocam no saber-fazer docente.

O Feminismo Negro não surgiu das mulheres que compõem nos índices nacionais e internacionais o maior quantitativo de agressões, sejam elas físicas, mentais e espirituais. Não surgiu das mulheres que são as maiores vítimas de homicídio. Não surgiu das mulheres que têm pouca ou nenhuma escolarização. Não surgiu das mulheres que mais sofrem com o desemprego estrutural (MARCONDES et al., 2013). Essas Mulheres são a maioria silenciada que tiveram no tempo-espço-histórico suas Memórias Vidas apagadas, mas que também driblaram as duras malhas do sistema mundo capitalista/patriarcal moderno/colonial ocidentalizado/cristianizado, fundado em uma Memória Hegemônica que sempre a marginalizou.

A Memória Hegemônica diz respeito a uma história particular que se universalizou a partir de um sujeito hegemônico. Assim, a Memória Hegemônica nos remete ao enredo, ou seja, à história contada pelo sujeito de poder autoautorizado. Logo, esta Memória constitui corpos dóceis, altera a corporalidade, destitui o sujeito de afetividade e retira a condição de sujeito produtor de conhecimento, tudo isso em favor de uma universalidade do sujeito branco, eurocêntrico, heterossexual, cristão e militar. Já a Memória Viva inclui o que a Memória Hegemônica exclui, ela advém da Geo-política e da Corpo-política do sujeito que fala, restituindo suas histórias, sua corporalidade, sua afetividade, sua identidade e sua condição de sujeito epistêmico (GONZÁLEZ, 1984).

Diante disso, falar de Feminismo Negro é pensar a partir de um movimento político e epistêmico das Memórias Vivas da Mulher Negra, é falar de um sujeito que foi ocultado historicamente em relação aos aspectos sociais, culturais, políticos, epistêmicos e econômicos, por portar uma cor de pele e um Gênero constituídos como inferiores. A Memória Hegemônica ocasiona uma desessencialização da Identidade Feminina Negra, visto que naturaliza performances de feminilidade, Raça e beleza derivadas da mulher branca-civilizada, conseqüentemente a beleza negra passa a ocupar os espaços periféricos de rejeição não só pela própria Mulher Negra, mas pelo reforço de naturalidade imposto pela Memória Hegemônica.

Esta naturalização do ideal de beleza feminina branca acaba por situar a Mulher Negra na condição de marginalidade, uma vez que seu corpo e identificações estão balizados no outro. Desse modo, a Mulher Negra não é mais o que é, mas também não é a outra, o corpo negro passa a ser um corpo deslocado. Logo, os marcadores de Raça/Gênero compõem uma unidade que aprisiona o Corpo Feminino Negro, deslocando-o para o domínio do “não-ser”. Este corpo torna-se a antítese do ser hegemônico: o homem branco, europeu, heterossexual e cristão e a antítese do ideal feminino: a mulher branca.

Portanto, a afirmação identitária da Mulher Negra, de se dizer Negra, não é simplória, mas é a quebra de padrões de poder fundados, historicamente, sobre suas Memórias e Corpos, é resistência é Memória Viva. Frente o exposto, cabe pontuar que a Identidade Negra é entendida aqui como uma construção social, histórica, cultural e plural. Envolve a tessitura do olhar de uma coletividade ou de indivíduos que pertencem ao mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos e em constante relação com o outro (GOMES, 2003). Diante disso, pontuamos que construir uma Identidade Negra fora dos ditames brancocêntricos em uma sociedade que ensinou a população negra, desde cedo, que para ser aceito é necessário negar-se é um desafio a ser enfrentado cotidianamente.

Por tal, afirmar a negritude atravessada pela Identidade Profissional Docente é fraturar uma imagem propagada no tecido social, pela Memória Hegemônica, da Mulher Negra na condição de subalterna. Dessa forma, quando a Mulher Negra galga uma posição de poder, sobretudo em uma atividade intelectual é tida como exótica, diferente, uma vez que pelo imaginário social não é esperado que este Corpo Feminino Negro ocupe uma profissão para além dos trabalhos informais e de baixa remuneração salarial.

Assim como a Identidade de Mulher Negra é traçada por um movimento de resistência, ser Professora Negra também é; elas resistem cotidianamente, evidenciando que ali também é seu lugar. O exercício da profissão, juntamente ao espaço em que atuam, se transforma em local de afirmação, de aceitação e de reafirmação de sua Identidade, não só de Mulher Negra, mas de Professora Negra. Há assim a confluência de Identificações, Mulher Negra e Professora, não como uma sobreposição, mas Identificações que se interseccionam, se tensionam, se entrecruzam no jogo das relações sociais.

Se dizer Professora Negra, nessa conjuntura, não significa assumir um rótulo que vá aprisioná-la, significa romper o silenciamento presente no espaço educacional que insiste em afirmar uma equívoca equidade social entre Negras/os e não negras/as. Professora Negra é assim um ato político de afirmação identitária e este movimento permite, ainda que lentamente, romper as malhas da Memória Hegemônica que reverbera nos espaços educacionais. Frente o exposto, na próxima subseção, apresentamos os resultados e discussões aqui empreendidos.

## **2.1 Resultados e discussões da pesquisa**

Ser Professora Negra é pensar, inicialmente, que essa prática se desenvolve no contexto educacional, berço por excelência da branquidade, de um território epistêmico produto e produtor do racismo institucional e, por tal a discriminação racial perfaz esse espaço. O duplo bloqueio formado pela intersecção de Raça-Gênero desemboca no espaço profissional e, por vezes, interfere na sua atuação profissional a situando em situações desfavoráveis, tanto nas relações interpessoais, quanto na elevação de cargo no espaço profissional que ocupa (Gomes, 2003). De acordo com Colaboradoras Arroz e Agricultura, respectivamente

eu fui primeiro uma mulher negra, com todas as dores e esperar que ser negra traz. Depois, professora e com o passar do tempo eu vi que eu sou uma professora negra. Sabe como eu me percebi assim? Eu sou o que os meus colegas chamam de militante, eu questiono falas e comportamentos racistas, na minha sala de aula eu prezo por sempre dialogar e ensinar minhas alunas e

alunos a serem antirracistas. É por isso, que quem eu sou, professora negra, emana para meus alunos por meio daquilo que eu ensino a eles.

Eu sei da cor da minha pele antes mesmo de sair das quatro paredes da minha casa, meus pais ensinaram minha potência e o que a vida lá fora guardava e me parece que por mais que ensinem a dor não é ensinada né? Dor, a gente sente e pronto e ela é como uma marca que fica, uma tatuagem, eu tenho muitas tatuagens na minha alma. Aí, eu escolhi ser professora e ao ensinar eu me vejo comprometida em ensinar para meus alunos a se amarem como são, a respeitarem o colega que é diferente dele, trago outras formas de enxergar a vida, seja pela religião, pela culinária, a própria política. A educação é esse canal de transformação e eu sendo quem sou e de onde venho não conseguiria ser professora longe desse comprometimento para com a diversidade.

Frente o exposto, na fala das Colaboradoras, podemos identificar dois aspectos em relação o ser Professora Negra. Primeiro, a constituição do ser Mulher Negra e ser Professora Negra, não ocorreram em sobreposição, mas se interseccionaram no jogo das relações sociais e no próprio exercício da docência. Segundo, a Identidade de Professora Negra é atravessada por um contexto político e ético, integrada ao compromisso pessoal e social de lecionar, com vistas ao desenvolvimento de práticas antirracistas.

A afirmação do pertencimento étnico-racial das Professoras Negras, o caminho traçado na sua atuação profissional, a própria conquista de ser Professora, seus modos de pensar, suas ações em face do racismo nas instituições de ensino são a externalização da Memória Viva. Nessa direção, a escola como espaço de produção e de recriação do conhecimento, formadora de sujeitos, é local privilegiado para a existência dos confrontos identitários e espaço para a externalização do racismo, assim como o seu enfrentamento.

Ademais, podemos notar que a própria presença da Professora Negra confronta os postulados da Memória Hegemônica, por exemplo, quando a Professora Arroz pontua “eu sou o que me chamam de militante” e a Professora Agricultura sinaliza já ter ouvido de seus colegas “lá vem a palestrinha”. Cabe destacar que entendemos que o desenvolvimento de práticas antirracistas no contexto educacional e fora dele, não deve ou não deveria vir, exclusivamente, de homens e de Mulheres Negras, mas é uma luta de todos em prol do desmantelamento das estruturas raciais que subjazem o sistema-mundo.

Contudo, podemos identificar nessas falas, e no decorrer da análise do nosso *corpus* documental que as docentes tem desenvolvido práticas solitárias e, por vezes, de apontamentos negativos, por parte de seus pares, em torno das atividades que desenvolvem. Ser Professora Negra, desenvolver práticas antirracistas, é desestruturar o equilíbrio em que foi naturalizado a branquidade no topo da pirâmide social. Isto por que a Memória Hegemônica engendrou no sistema mundo uma memória coletiva vinculada ao que Gonzalez (1984) denomina de “só

corpo, sem mente”. O rechaço dessa quebra de padrão pode ser identificado de maneira explícita pela externalização do racismo ou de maneira velada. Essa última é demarcada pela ambivalência a qual Crisostomo e Reigota (2010) denominam de boa sociedade, isto é, não é feio ter preconceito racial, mas manifestá-lo.

Pois, ainda que a docência seja uma profissão, predominantemente, feminina, a Mulher Negra permanece sendo vista como incapaz e por tal não se adequa a essa função. Essa subalternidade e invisibilidade no próprio local de trabalho exige que essa Professora Negra necessite comprovar, constantemente, sua competência profissional, de ser pensante, capacitada e qualificada na profissão que escolheu atuar. Portanto, a Professora Negra lida com o racismo velado e explícito, frequentemente, no jogo das relações sociais, uma vez que tiveram seu Gênero e sua Cor Racializados. Podemos identificar, na fala da Professora Arroz “se eu falo algo, nas reuniões, precisa de validação de outra pessoa, ou ela me pergunta a mesma coisa novamente, o que eu falo, por mim mesma, não é suficiente”. Na mesma medida, Professora Agricultura afirma:

Há momentos que eu sinto, na verdade eu sei, que minha presença incomoda, eu já ouvi um colega meu assim: eu não me sinto a vontade perto de você. Agora, sabe por que ele não se sente a vontade? Racista, minha presença incomoda, minhas ideias incomodam, e eu vou continuar incomodando, continuo usando minha docência como forma de resistência.

Diante do caminho percorrido, entendemos que se afirmar como Professora Negra é uma forma de resistência à Memória Hegemônica que insiste em negar, excluir, deslegitimar e subordinar os Corpos Femininos Negros. Sendo assim, quando a Mulher Negra e profissional afirma a sua Identidade Professora Negra, ela está dizendo não às formas de opressão imposta a elas no espaço em que atuam. Se afirmar Professora Negra é um ato de resistência ao racismo estrutural que abarca e alimenta as opressões e na mesma medida permanecem alimentando o exercício da docência.

### **3 CONCLUSÃO**

O movimento realizado até aqui nos permite inferir que a autoidentificação das Docentes enquanto Mulheres Negras e, posteriormente Professoras Negras é um ato não só de afirmação, mas de resistência; elas resistem cotidianamente, evidenciando que ali também é seu lugar. Nessa direção, o exercício da docência externaliza essa realidade, se configurando enquanto um diferencial, visto que

possibilita ações pautadas no enfrentamento do racismo, tanto no espaço de sala, quanto em outros espaços escolares.

Ser Professora Negra é o retrato do acúmulo de lutas, mas também de avanços, em especial ao ocupar espaços de produção de conhecimento. Estes locais, outrora, eram ocupados, exclusivamente, por homens e brancos; por tal, é mais que uma simples afirmação e/ou inserção; é um rompimento de vários estereótipos criados sobre a Mulher Negra, tais como, de intelectualmente incapaz, que não precisa ser ouvida.

Esse movimento de resistência propositiva, não se delinea sem ônus, podemos identificar a solidão docente, que traz em si a dupla face das Memórias, a primeira, hegemônica, se externaliza, por vezes, na ausência de colaboração dos pares. A segunda, Vivida, é a teimosia, a autonomia, a resistência externalizado no exercício da docência que intencionam forjar fissuras em uma estrutura de ensino que vibra o racismo institucional. Portanto, a solidão da Professora Negra no ambiente educacional, no berço por excelência da branquitude, retrata a face viva da Memória Hegemônica, assim como as Colaboradoras dessa pesquisa representam a Memória Vivida em potência.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. Interseccionalidade. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 270-273, 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

CRISOSTOMO, M. A. S; REIGOTA, M. A. S. **Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas**. Avaliação, Campinas, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 93-106. 2010.

GOMES, N. L. Educação, Identidade Negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 167-182, jan./jun. 2003.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MARCONDES, M. et al. (Org.). **Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: USP, 2005. p. 139-161.

**Palavras-chave:** Professora Negra. Práticas Antirracistas. Feminismo Negro